

Hollande e
Sarkozy

Um homem normal
para derrubar o monarca
pág. 40

Portfolio

A imponência
de Cahora Bassa
pág. 44

Joana
Vasconcelos

A PRIMEIRA EM VERSALHES

A artista plástica regressa a Paris, onde nasceu, para o maior desafio da sua vida: uma exposição no palácio de Versalhes. É a primeira mulher a fazê-lo e, além de peças como um helicóptero coberto de penas, vai levar consigo uma 'embaixada' de criadores portugueses pág. 32





Ao encontro da MEMÓRIA

Foi no gesto inocente de ouvir o mar nos búzios que Joana Astolfi se inspirou para uma das suas peças mais emblemáticas. Mais recentemente, nas instalações dos restaurantes de José Avillez, recuperou o passado português

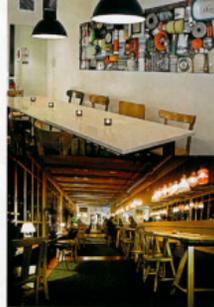
Texto de RAQUEL CARRILHO Fotografia de RUI VASCO



SALAZARES, termos, garrafas de leite, formas para bolos, lojas em geral. Naquela nicho de parede está um pouco da história portuguesa. Uma história da cozinha, é certo, mas bem nacional. Para a instalação *A Conversa Ainda Não Chegou à Cozinha*, criada o ano passado para o restaurante Cantinho do Avillez, Joana Astolfi, 36 anos, foi buscar a tradição dos utensílios de cozinha portugueses dos anos 50 e 60. «Numa reunião, o Zé explicou-me que o restaurante teria um ambiente

vintage e lembrei-me de recuperar estes utensílios», explica. Depois foi viajar por Portugal em busca das dezenas de objectos ali encaixados milimetricamente num trabalho de montagem que levou sete dias. O resultado foi tão positivo que o chef José Avillez logo desafiou a designer para uma nova parceria: no renovado Belcanto, também no Chiado. Desta vez, Joana Astolfi foi beber ao universo de Fernando Pessoa e montar uma parede de livros com o título de um poema do heterónimo Ricardo Reis – «Para ser grande, sé inteiro» – e assim criar o jogo

entre luz e sombra da instalação *Ser Inteiro*. Já no Teatro Taborida, o desafio foi maior do que uma instalação. Redecorou todo o Café da Garagem, utilizando peças do próprio teatro que assim ganharam uma nova vida. Os três trabalhos têm em comum a forma como encara a arte e o design: «O que me interessa é pegar em coisas que já têm história. Não me interessa só a parte estética, interessa-me contar uma história». Retirar e instalar é a palavra-chave. Astolfi ir a mercados e alfarrabistas, onde recolhe peças que, por vezes, guarda durante anos



Joana Astolfi no momento da obra *A Conversa Ainda Não Chegou à Cozinha* e a obra final. Em baixo, uma vista do bar do Teatro Taborida e *The iShells*. Na outra página, Joana no seu ateliê em Lisboa e a instalação *Ser Inteiro*



«CRESCI EM CASCAIS E, EM MIÚDA, GOSTAVA DE APANHAR CONCHAS E OUVIR O MAR. NO MEIO DESTA TURBULÊNCIA TODA DO IPHONE, IPOD, IPAD, POR QUE NÃO VOLTAR À BASE?!»

Jou também emprego. «O agente imobiliário perguntou o que eu fazia, disse que era arquiteta e ele disse-me que estava a comprar uma série de espaços para remodelar. Mostrei-lhe logo o meu perfil». Tinha 25 anos e ficou um ano e meio a remodelar casas de luxo. Mas a vida não era assim tão luxuosa: «Estava sozinho e chorava muito à noite. Mas facturei mesmo dinheiro nessa altura, nem tinha noção».

Numas férias em Portugal, apaixonou-se e decidiu não regressar. De regresso a um ateliê de arquitetura percebeu nesta altura que não queria passar a vida em frente a um computador a desenhar casas. O momento coincidiu com uma seleção da Fábrica – o inovador centro de investigação na área do design, das artes e da comunicação, pertencente ao

em armazéns, no ateliê ou em casa. Adora listas telefónicas e álbuns de fotografias de pessoas que não conhece. «Sou voyeur». As memórias e as histórias que os objectos contam marcam a identidade de todos os seus trabalhos, sejam instalações, reabilitações ou o design na sua expressão mais actual, como acontece com uma das suas peças mais emblemáticas: *The iShells*. «Cresci em Cascais e, em miúda, gostava de apanhar conchas e ouvir o mar. Anos depois, vi uma criança a fazer o mesmo e deu-se um clique: no meio desta turbulência toda do iPhone, iPod, iPad, por que não voltar à base e ouvir o mar?». Assim, criou uns auscultadores com búzios onde, claro, nada mais do que o mar é possível escutar. A ideia, aparentemente simples, conquistou o mundo, estando à venda em algumas das mais emblemáticas lojas de design do mundo, como a Colette, em Paris. «Mande-lhes uma mail a explicar a peça e passados uns dias recebi uma resposta a dizer que gostavam muito. Todos os meses mando caixas para lá e está sempre esgotado».

Descobrir uma linguagem

Filha de pai arquitecto e mãe dona de uma galeria de arte, Joana Astolfi cresceu rodeada de artistas. «O meu pai é brasileiro e houve sempre uma grande *movida* lá em casa, com churrascos e bossa nova. E eu andava ali, no meio daquela gente toda, sempre a desenhara». Com quatro anos apenas começou a frequentar workshops de pintura e desenho e no final do liceu estava pronta para prosseguir para Belas Artes. Uma conversa com o pai, porém, trocou-lhe as vozes. «Disse-me que eu faria o que quisesse, mas que a arquitectura me daria bases para a vida. Segui o seu conselho».

Formou-se em Arquitectura na Universidade de Gales, em 1996, mas terminando o curso voltou para Portugal porque o pai enfrentava problemas de saúde. Depois de um ano no Porto, voltou a partir, desta feita para Londres. E enquanto procurava casa, arran-

grupo Benetton – em Portugal. Mostrou o seu *perfil* e apenas 15 dias depois já estava a ser chamada para uma segunda fase.

Partiu para Treviso, Itália, de carro com o namorado e esteve duas semanas a criar um conceito novo para as lojas da Sisley. O projecto valeu a Joana Astolfi ser a primeira portuguesa a ser aceite na Fábrica, em 1999. «Estive lá dois anos e foi muito intenso, 12 horas por dia a criar, no lado de pessoas de todo o mundo, no sítio mais improvável da terra, no meio do nada. A Fábrica fica a 30 minutos da aldeia mais próxima, é uma espécie de oásis que atirou ali e nós somos os aliens». Esteve envolvida na criação de vários objectos e coordenou inúmeras exposições, entre as quais duas antologias da Fábrica no Japão e a maior retrospectiva do escultor Antonio Canova. Otto meses de trabalho que lhe valeram a nomeação para Prémio Nacional de Design Italiano.

Quando voltou para o calendário tinha passado dez anos fora de Portugal. Estava na altura de regressar: «Foi nesta altura que comecei a entender a minha linguagem», diz, muito graças ao projecto de recuperação da loja dos designers de moda Straytallers. De seguida coordenou a exposição *Com Anos da CUF no Barreiro*, e com Christina Bravo e Filipa Almeida, montou a Associação Cultural de Arte Contemporânea PuppenHaus, através da qual organizou a exposição *A Beleza do Erro*. «Foi um ano a pensar a exposição. Vimos milhares de artistas nacionais e internacionais para escolhermos 30 e criámos uma exposição temática. Vendemos umas 12 ou 14 obras, tivemos sete mil visitantes num mês. Ainda bem que fizemos, mas pagámos para a fazer». Em simultâneo criou o Studio Astolfi (no âmbito do qual desenvolveu peças como a já referida *The iShells*), ateliê que se dedica, entre outros, a projectos de arquitectura, design de interiores e customização de objectos. «Porquê fragmentar-me? Sou artista, designer, arquitecta, curadora, colecionadora...»

raquel.carrilho@esd.pt